

P I C K

Cluster Arte da  
Performance  
& Performatividade  
nas Artes

M A N I F

E S T O

2 5 D E

A B R I L

H O J E

Editoras  
Cláudia Madeira  
Cristina Pratas Cruzeiro

# Índice

Ficha técnica	1
Introdução	2
Prólogo	4
1. Paz	12
2. Pão	18
3. Habitação	22
4. Saúde	30
5. Educação	37
6. Cultura	44
7. Q.B.: Performance coletiva	48
Epílogo: Entre a ciência e a arte: um manifesto por metodologias criativas, colaborativas e afetivas a partir do Pick Manifesto 25 de Abril hoje	54
A expressão da Liberdade, por Sérgio Godinho	61

# Ficha Técnica

Título: Pick Manifesto 25 de Abril hoje

Coordenação: Cláudia Madeira e Cristina Pratas  
Cruzeiro

Cluster Arte da Performance & Performatividade nas  
Artes ICNOVA-NOVA FCSH; IHA-NOVA FCSH/  
IN2PAST

Textos e fotografias: Alexandra do Carmo, Ana  
Gariso, Carla Fernandes, Cláudia Madeira, Cristina  
Pratas Cruzeiro, Daniela Salazar, Helena Elias, Hélia  
Marçal, Nicolle Vieira, Patrícia Pereira, Raquel Ermida,  
Raquel Madeira, Rita Vilhena, Sandra Guerreiro Dias,  
Sérgio Godinho, Sílvia Pinto Coelho

Revisores: Daniel Tércio e Margarida Alves

Composição Gráfica: Josefa Searle

Edição: ICNOVA-NOVA FCSH; IHA-NOVA FCSH/  
IN2PAST, 2024

Impressão: Partícula Extravagante

Tiragem: 25 exemplares

Depósito Legal:

ISBN 978-989-9048-46-1

DOI <https://doi.org/10.34619/v4yk-s0yu>

O ICNOVA é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/05021/2020.

O IHA é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00417/2020, <https://doi.org/10.54499/UIDB/00417/2020>, e UIDP/00417/2020, <https://doi.org/10.54499/UIDP/00417/2020>.



# Epílogo

Entre a ciência e a arte: um manifesto  
por metodologias criativas,  
colaborativas e afetivas a partir do Pick  
Manifesto 25 de Abril hoje

Cláudia Madeira

ICNOVA NOVA FCSH

Cristina Pratas Cruzeiro

IHA-NOVA FCSH/ IN2PAST

Patrícia Pereira

CICS.NOVA.IPLEIRIA

Carla Fernandes

ICNOVA NOVA FCSH

Rita Vilhena

ICNOVA NOVA FCSH  
Bolseira de Doutoramento  
[refº 2021.06561.BD]

## Introdução

*Pick Manifesto 25 de Abril hoje* foi uma iniciativa do *Cluster Performance Arte & Performatividade nas artes*, do Instituto de História da Arte e Instituto de Comunicação da NOVA FCSH, inserida nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril em 2024. Um manifesto-refeição-oficina-reflexão a várias mãos, várias vozes e vários corpos, partindo da canção “Liberdade” de Sérgio Godinho. Aos ingredientes-base da liberdade enunciados pelo cantautor – a paz, o pão, habitação, saúde, educação – acrescentámos a cultura e a dimensão da celebração. Partindo destes direitos, consagrados na Constituição da República Portuguesa, perscrutámos formas de os entendermos hoje, 50 anos depois.

Ao longo de vários meses, desde Outubro de 2023 a Julho de 2024, organizámos um conjunto de oficinas, duas por tema, num crescendo de sofisticação criativa, começando pela associação livre e conversa informal, passando pela elicitación fotográfica, pela performance ou pela confeção e degustação de uma açorda coletiva. Encerrámos o ciclo de oficinas com a performance Q.B., de Helena Elias, onde conjugámos materialidade e performatividade. Para o efeito, realizámos um workshop na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa para a criação de cerâmicas que servissem para receber as receitas a confeccionar pelos participantes-performers, no dia 27 de Julho no palco experimental na Partícula no Açúcar, em Lisboa.

Das oficinas-refeição-conversa, participadas por pessoas de diferentes áreas científicas e artistas, resultaram então reflexões sobre a arte e a performance como ferramentas de acesso ao conhecimento intersubjetivo e de produção de subjetividades políticas e científicas. Neste texto procuramos dar conta do que foi o *Pick Manifesto 25 de Abril hoje* e dos aspetos que gostaríamos de reter para trabalho futuro.

## A criação colaborativa e a cartografia do afeto na produção de conhecimento

Na interseção entre a criação colaborativa e a subjetividade emerge a cartografia enquanto método de pesquisa, transcendendo a simples representação de territórios físicos. A cartografia, na aceção de Suely Rolnik (2006) e Virgínia Kastrup (2009), não se limita a uma descrição objetiva dos fenómenos sociais, mas implica um processo dinâmico de envolvimento e co-criação entre os pesquisadores e os participantes. Rolnik e Kastrup exploram a importância do afeto e da atenção na cognição inventiva, bem como o impacto dessas práticas na produção de subjetividade.

A cartografia, enquanto método de pesquisa, transcende a simples representação de territórios físicos, envolvendo-se profundamente na interseção entre a subjetividade e a criação colaborativa. Este método propõe uma abordagem que não trabalha sobre as pessoas, mas com elas (Lassiter 2005), reconhecendo a importância das relações de prazer e afeto na construção do conhecimento.

Segundo Rolnik (2006), o afeto é um elemento central na cartografia, pois ele permite uma imersão genuína nas experiências vividas pelos sujeitos. Esse envolvimento afetivo facilita a emergência de novas formas de compreensão e de subjetividade, que são essenciais para a produção de um conhecimento que ressoe na própria vida dos participantes. Kastrup complementa essa visão ao destacar a importância da atenção na cognição inventiva, sugerindo que a capacidade de estar plenamente presente e atento às nuances das interações é crucial para a inovação e a criação de novas perspectivas.

A etnografia, na sua essência, especialmente a etnografia colaborativa (Lassiter 2005) reflete estes princípios cartográficos (Rolnik, 2006 e Kastrup, 2009) ao enfatizar o trabalho de

colaboração com as comunidades com que trabalha. Embora a colaboração seja fundamental para qualquer tipo de prática etnográfica, a realização de uma etnografia colaborativa mais deliberada e explícita implica manter uma prática de colaboração em todas as fases do processo, desde o trabalho de campo até à escrita. Ao invés de impor interpretações externas, a etnografia compromete quem investiga num processo de co-criação de conhecimento, onde as vozes e experiências de quem participa são valorizadas e incorporadas.

Esta forma de investigar permite que os pesquisadores não apenas coletem dados, mas também participem ativamente na produção de subjetividades. Esse processo é marcado por relações de prazer e afeto, onde o conhecimento é construído através de um diálogo contínuo e sensível às experiências dos envolvidos (Passos, Kastrup e da Escóssia, 2009).

O envolvimento afetivo e o prazer nas relações desenvolvidas no âmbito do trabalho de investigação não apenas transformam o presente, mas também abrem caminhos para futuros projetos e formas de fazer investigação académica. Ao criar espaços de liberdade onde a intersubjetividade é valorizada e onde as vozes dos participantes são fundamentais, a cartografia e a etnografia estabelecem as bases para novas formas de conhecimento e ação.

Esses espaços de liberdade são essenciais para a resistência ao extrativismo (Pleyers, 2024) na produção de conhecimento, que muitas vezes reduz os sujeitos a meros objetos de estudo. Em contraste, a cartografia afetiva e a etnografia colaborativa promovem um ambiente onde as pessoas se sentem parte integral do processo de criação, permitindo que as suas experiências e conhecimentos contribuam para soluções mais justas e equitativas.

Os sociólogos Sinha e Back propõem a adoção de “métodos sociáveis”, definindo-os como participativos e dialógicos, informados por técnicas de elicitación. A adoção de um tal modelo participativo de investigação – convidando os participantes não apenas a partilhar as suas narrativas mas também a ter voz ativa na conceção da pesquisa, na seleção dos métodos e na disseminação do conhecimento – alarga os parâmetros da investigação qualitativa (Sinha & Back, 2014).

Neste contexto, o papel do estado democrático torna-se crucial. Um estado democrático genuíno fomenta a liberdade de expressão, a participação ativa dos cidadãos e a valorização da diversidade de perspetivas. A democracia assegura que os espaços de liberdade criados pelas práticas cartográficas não sejam apenas temporários, mas sustentáveis e institucionalmente apoiados. Dessa forma, o conhecimento produzido não apenas reflete a realidade dos sujeitos, mas também contribui para a construção de políticas públicas mais democráticas.

Durante as oficinas, focámo-nos nas sociabilidades, essencialmente no desenvolvimento de relações afectivas entre os membros do cluster. A noção de afetos comuns, desenvolvida por Kathleen Stewart (2007), parece aproximar-se desta nossa forma de procurar conhecimento por meio de atividades prosaicas e de trocas e reflexões coletivas pouco estruturadas. Segundo a autora, os afetos comuns são “[...] um circuito animado que conduz a força e mapeia ligações, percursos e disjunções. São uma espécie de zona de contacto onde as sobredeterminações de circulações, acontecimentos, condições, tecnologias e fluxos de poder têm literalmente lugar. Prestar atenção aos afetos comuns é descobrir como a potência das forças reside na sua imanência a coisas que são ao mesmo tempo volúveis e ligadas, estáveis e instáveis, mas também palpáveis.” (Stewart 2007, p. 3, tradução das autoras). Ou seja, ao prestarmos atenção ao que é anódino e fugaz, podemos,

de certa forma, encontrar ligações entre as experiências do quotidiano e as forças que estruturam o mundo social.

## Um laboratório sensível

Desenvolvemos as oficinas como um laboratório, onde se ensaiam e exploram formas de estar, de pensar, de sentir e de fazer. Na obra "Olhar, Ouvir, Ler", Lévi-Strauss cita uma metáfora criada pelo violinista, compositor e também filósofo de arte do século XVIII Michel-Paul-Guy de Chabanon, quando, para exprimir a importância da experimentação sensorial, se refere à aranha que "colocada no centro da sua teia, se corresponde com todos os fios, vive de certo modo em cada um deles, e poderia (se, como os nossos sentidos, eles fossem animados) transmitir a cada um deles as sensações que os outros lhe tivessem dado" (1995, p. 82). Esta metáfora da teia parece servir bem à noção de laboratório que procurámos desenvolver com este projeto. Constituindo-nos como um grupo de investigadoras e/ou investigadoras-artistas, com valências disciplinares diferenciadas entre as ciências e as artes, "duas culturas" na expressão de C.P. Snow (1959), procurámos nos vários encontros que fomos desenvolvendo, ao longo de quase um ano, um espaço de partilha que nos permitisse suspender suposições e preconceitos. Tal como acontece no paradigma científico, mas reforçando a reflexividade subjetiva, afetiva e criativa. De algum modo, posicionámo-nos como sujeitos-objetos de estudo de uma realidade social que herdámos e cujos principais pilares foram erigidos pela revolução do 25 de Abril e pela Constituição que dela resultou.

Assumimos este laboratório em torno do ideário da revolução como um processo de experimentação social liminal e ubíquo, com uma temporalidade continuada até hoje e com uma espacialidade que tem de ser contextualizada num panorama global e nas quais temos a responsabilidade de intervir. Ou seja, em cada uma das oficinas cada participante, assumindo uma postura informal e

criativa de partilha do conhecimento, procurou fazer confluir várias áreas disciplinares das ciências sociais e humanas e das artes, trazendo para a discussão diversos exemplos de diferentes temporalidades e espacialidades. Os materiais produzidos foram discutidos em co-relação. A sala usada para este laboratório, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, projetou-se para fora de si própria, fazendo incluir convidados ou ampliando-se para outros locais, como as nossas casas, a escola secundária que fomos visitar em Alverca ou a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

As refeições partilhadas no *cluster* promoveram a evasão em relação aos nossos espaços originais de trabalho. Neste sentido, este laboratório representou um formato complementar e, ao mesmo tempo, descontínuo em relação ao trabalho de investigação individual dos seus participantes, inerente às suas rotinas quotidianas, trazendo uma componente coletiva e colaborativa que promoveu a intensificação da experiência. Esse fator evidenciou um território problemático, em que os objetivos se assumiram essencialmente provisórios e não conclusivos. Neste laboratório assumidamente relacional e subjetivo, privilegiámos uma dimensão mais que experimental e metódica, "experencial", sedimentado numa "dialéctica do previsível e do imprevisível" (Couchot & Hillaire, 2002) que se instalou na própria experiência de questionar.

Desta forma o laboratório aparece, desde logo, formatado para a construção de um território impuro, uma teia em que cada pessoa pode ser contaminada pelo território da outra. Como estratégias desenvolvemos processos de escrita criativa sobre a paz, cozinhámos uma açorda com ingredientes que trouxemos de casa, partilhando histórias de família sobre a importância das refeições conjuntas, visitámos uma escola, convidámos um ex-dirigente da área da cultura, desenvolvemos uma "exposição efémera" em torno das questões da habitação. Construímos recipientes em barro

para a performance comestível com que terminámos este projeto.

As vantagens deste modelo verificaram-se operacionais, permitindo a concretização de oficinas que não obrigavam a um planeamento e organização pesados ou a preocupações derivadas da exposição em público e onde cada membro poderia contribuir com as suas áreas de saber sem as fechar no modelo académico mais convencional de produção de conhecimento.

As oficinas que realizámos abriram assim a possibilidade de novas formas de investigação arts-based (Leavy, 2020), partindo de “experencialidades” com o outro e com o coletivo, ou seja, utilizando metodologias colaborativas e de maior intervenção, lembrando a música do Sérgio Godinho.

## Notas conclusivas

Os processos de criação conjunta permitem que a intersubjetividade seja mais forte. Nas oficinas que realizámos destacaram-se duas estratégias articuladas: a primeira traduziu-se numa abordagem quase auto-etnográfica - cada pessoa trouxe consigo não só um posicionamento em relação às representações da sociedade, mas também uma distância própria inerente ao seu trabalho nas ciências sociais, humanidades e artes. Em conjunto, criámos uma sensibilidade singular. E se na maioria dos trabalhos académicos essa sensibilidade é apresentada de uma forma mais objetiva, no contexto do cluster procurámos desenvolver uma abordagem mais subjetiva, procurando perceber como as questões debatidas nos afetam. A segunda estratégia traduziu-se numa abordagem coletiva mais participativa, de fazer entrar vozes diversificadas, de trabalhar sobre as contradições, as ambivalências, e de as colocar todas ao mesmo nível. Qualquer uma destas estratégias permite transformar perceções da realidade e dar pistas para intervir de forma

adequada, e de como o necessitamos de fazer.

Durante as oficinas, a base de inter-relacionamento intimista foi corrompida em momentos específicos. Como já referimos, na oficina dedicada ao tema da educação, deslocámo-nos à Escola Secundária Gago Coutinho (Alverca) onde estabelecemos um diálogo com estudantes e professores. Também numa das oficinas da cultura, Manuel Veiga foi convidado a juntar-se a nós numa conversa com os estudantes da licenciatura de Ciências da Comunicação no âmbito da disciplina de Produção e Programação Cultural. Estes dois momentos estendidos a membros de fora da “comunidade” do cluster colocaram novos desafios no campo das relações intersubjetivas e da participação e permitiram indagar a possibilidade de trabalhar outros modelos no futuro.

Jonathan Burrows, no seu livro *A Choreographer's Handbook* (2010, p.58) refere que a “Colaboração é sobre escolher as pessoas certas com quem trabalhar e depois confiar nelas. Contudo, não temos de concordar sobre tudo. Colaborar é, por vezes, encontrar a forma certa de discordar.” (tradução das autoras). Nas oficinas referidas, interagimos uns com os outros, mas poderíamos ter decidido recorrer a um processo participativo mais aprofundado, estendendo, desde o início do processo, a conceção, a partilha e a expressão de tomada de decisões conjuntas a essa nova “comunidade expandida”. Este laboratório levantou-nos a possibilidade de explorarmos no futuro um processo de colaboração alargado para fora do cluster, de forma a que o papel da academia se estabeleça na sociedade como um exercício da política mais horizontal. É preciso para tal repensar as ferramentas de trabalho e os objetivos em conjunto com cidadãos de várias esferas.

É através da criatividade, e preferencialmente através de colaborações criativas, que se criam

as condições ideais para a emergência de combinações únicas entre metodologias, técnicas, meios, anseios e afetos. A expressão criativa não se limita às palavras que usamos para descrever uma ideia, nem ao modo como usamos o corpo para transmitir sentimentos ou realizar ações. Criámos e construímos JUNTOS: pedimos ideias “emprestadas”, inspirámo-nos, voltámos a pedir emprestado, voltámos a inspirar-nos e pedimos emprestado ainda mais!

O desenvolvimento humano é, em larga medida, definido pela capacidade de criarmos em conjunto, de baixo para cima, sem hierarquias desnecessárias. Numa época em que tanto se publica sobre “inteligência coletiva” (e.g. “Handbook of collective Intelligence” publicado pelo MIT há dois anos atrás) sendo esta definida com base em algoritmos e relações ontológicas virtuais, precisamos cada vez mais de colaborações reais, onde as ideias brotem do fluxo dinâmico entre cérebros corporalizados e corpos pensantes em movimento (Casasanto, 2014).

E para que estas metodologias colaborativas sejam mais eficazes, interventivas, e possam perdurar ao longo de todo um projeto coletivo, precisamos de atributos de base preciosos como a confiança no outro, o cuidado delicado com os colegas de trabalho, numa escuta atenta aos gestos ainda por nascer... oferecendo-se a cada um, e mutuamente, um pouco mais de perspetiva do que geralmente se consegue sozinho.

Que, para além deste 25 de Abril celebrado multiplamente, viva a intervenção dentro e fora de portas da universidade e, mais do que a inteligência artificial, viva a inteligência da arte!



Figura 40: Stencil “Sem futuro não há paz”, FBAUL, 2024.  
Fotografia Cláudia Madeira. Foto: Pick Manifesto 25 de Abril  
hoje

## Referências

Couchot, E. & Hillaire, N. (2003). *L'art numérique*. Flammarion.

Lassiter, L. E. (2005). *The Chicago Guide to Collaborative Ethnography*. University of Chicago Press.

Leavy, P. (2020). *Method Meets Art, Third Edition: Arts-Based Research Practice*. The Guilford Press.

Lévi-Strauss, C. [1995 (1993)], *Olhar, Ouvir, Ler*, Lisboa, Edições Asa.

Pleyers, G. (2024). For a global sociology of social movements. Beyond methodological globalism and extractivism. *Globalizations*, 21(1), 183–195.

Snow, C.P. (1959). *The Two Cultures*. Cambridge University Press.

Stewart, K. (2007). *Ordinary Affects*. Duke University Press Books.

Passos, E. (2009). *Pistas do método da Cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Editora Meridional LTDA.

Rolnik, S. (2006). *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Sulina.